

# Stuart Hall: esboço de um itinerário biointelectual

## RESUMO

Neste artigo a autora constrói uma argumentação teórica na qual busca a aproximação de alguns dados biográficos de Stuart Hall à sua trajetória intelectual.

## ABSTRACT

In this article the author draws some relationships between biographic data on Stuart Hall and his intellectual trajectory.

## PALAVRAS-CHAVE (KEY WORDS)

- Stuart Hall
- Estudos Culturais (Cultural Studies)
- Mídia (Media Studies)

NO CENÁRIO DOS Estudos Culturais<sup>1</sup>, considerando-se tanto sua formação quanto seus desenvolvimentos contemporâneos, a contribuição de Stuart Hall é de fundamental importância, imprimindo sua marca no rumo teórico e político que o campo foi assumindo a partir dos anos 70. Algumas das referências e incorporações teóricas que transitaram, dentro do marxismo, de Louis Althusser a Antonio Gramsci, mas também de Ernest Laclau a Chantal Mouffe, no que diz respeito à centralidade da linguagem, partindo de Ferdinand de Saussure e Claude Lévi-Strauss, passando por Roland Barthes e Umberto Eco, alguns dos tensionamentos mais acirrados como a formação da perspectiva feminista dentro do campo e o interesse pela temática da raça e da etnicidade, culminando com o debate das identidades culturais, tiveram em Hall uma figura-chave. Além de um proponente de debates, Hall é um aglutinador de grupos em projetos coletivos, tendo construído uma posição respeitada no campo das análises culturais contemporâneas, portanto, torna-se imprescindível ter uma visão geral do seu itinerário intelectual.

Contudo, considero redutor apresentar um autor que tem uma obra de caráter social, levando em conta apenas sua coerência interna, sem localizá-la historicamente. De outro lado, também, seria simplificado demais tomar a obra como um produto de uma época<sup>2</sup>. Como não vou poder, aqui, desenvolver um balanço entre essas duas posições - o que seria ideal -, espero pelo menos ter essa idéia sempre presente, ou seja, a obra se constrói em permanente relação com o momento vivido pelo autor em foco. Por essa razão, estas anotações têm como

Ana Carolina D. Escosteguy\*

Profa. PPGCom FAMECOS/PUCRS

---

pano de fundo a aproximação de alguns dados biográficos de Hall à sua trajetória intelectual.

Na constituição dos Estudos Culturais, pode-se dizer que depois de uma fase embrionária, onde se destacam os textos fundadores - Richard Hoggart com *As utilizações da cultura* (1957), Raymond Williams com *Cultura e sociedade 1780-1950* (1958) e E. P. Thompson com *A formação da classe operária inglesa* (1963), os relatos disponíveis apontam para uma segunda geração de intelectuais, na qual desponta o nome de Hall que lidera o coletivo de pesquisadores do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos<sup>3</sup> - Richard Johnson, Angela McRobbie, Paul Willis, Dorothy Hobson, Phil Cohen, Michael Green, Janice Winship, Dick Hebdige, David Morley, Charlotte Brundson e Paul Gilroy, entre outros - no período de sua direção (1968-1979). A produção intelectual desse grupo estava ainda plenamente concentrada naquela universidade, mas contribuiu extraordinariamente para a disseminação do trabalho do Centro e conseguiu o reconhecimento dos Estudos Culturais como uma área de investigação interdisciplinar.

Na atualidade, a relevância da reflexão de Hall consiste no seu permanente engajamento com a fluida movimentação da sociedade contemporânea, seja através do debate de temas do momento como a globalização, o multiculturalismo, a participação negra e sua inserção na cultura britânica e a constituição das identidades em geral, seja nas suas análises do thatcherismo, da reação da sociedade britânica à ascensão do crime, das subculturas juvenis, entre outros assuntos, realizadas no período 1975-85.

De outro lado, gostaria de ressaltar que o campo dos Estudos Culturais está particularmente predisposto a uma organização em torno de formas de autoridade fundadas em trajetórias intelectuais individuais, pois não há uma

homogeneidade teórico-metodológica plenamente estabelecida que o unifique, embora exista uma sintonia genérica que estabelece uma certa rede conceitual entre seus praticantes. Nesse quadro, o itinerário de Stuart Hall, entranhado numa situação histórica particular, destaca-se.

#### Do encontro entre dados pessoais e estruturais

Hall nasce em 1932, na Jamaica<sup>4</sup>, no ambiente de uma família de classe média. Enquanto seu pai vinha de uma classe média baixa e da raça negra, existindo na família uma mistura étnica muito grande, sua mãe provinha do que era chamado, naquele lugar, de uma família de “brancos locais” com vários parentes educados na Inglaterra. A estruturação de sua família revelava o conflito entre o local e o imperial, em um contexto colonizado, sendo que ambas frações de classe colocavam-se em oposição à cultura do povo jamaicano, pobre e negro.

Desde cedo, Hall, o membro mais negro da família, manteve relações com jovens da classe média negra, o que era condenado por sua família. Assim como estabeleceu relações com o movimento pela independência de seu país e identificou-se com posições antiimperialistas.

A primeira etapa de sua formação se deu no sistema escolar jamaicano que seguia o modelo inglês de escola pública. Na verdade, Hall foi educado como membro de uma intelligentsia colonial (Hall, 1996a: 487). Entretanto, como não havia universidades locais, deixou sua terra natal, em 1951, para prosseguir seus estudos em Oxford, na Inglaterra.

Até 1954 envolveu-se com um círculo de pessoas do Caribe - Jamaica, Trinidad, Barbados e Guiana - e com a questão colonial. Nessa mesma época ganha uma segunda bolsa de estudos para realizar sua pós-graduação, decidindo permanecer em Oxford, enquanto que a maioria de seus

---

antigos colegas retorna aos seus países de origem.

Em 1957 vai para Londres, iniciando sua carreira docente em uma escola secundária onde os alunos vêm das classes populares. A partir desse momento ocorreu seu envolvimento com a política britânica, estabelecendo um relacionamento com o movimento das classes trabalhadoras e com as instituições do movimento trabalhista. No período de 1956 a 1962, mantém uma intensa participação política, ao mesmo tempo que se dedica ao ensino. Simultaneamente, tem uma atuação destacada junto ao meio editorial político-intelectual britânico, sobretudo no periódico *Universities and Left Review* (final dos anos 50 até 1961) como editor. Posteriormente, vai participar do *Marxism Today* (anos 80), *Sounding* (a partir de 1995), entre outras publicações.

Em 1964 Hall vai para Birmingham, lá permanecendo até 1979 quando retorna a Londres para atuar na *Open University*<sup>5</sup>. Sua transferência para Birmingham deve-se ao convite de Hoggart que, mais tarde, vai substituí-lo na direção do Centro de 1968 a 1979. Avalia-se que Hall, nessa fase, incentivou o desenvolvimento da investigação de práticas de resistência de subculturas e de análises dos meios massivos, identificando seu papel central na direção da sociedade; exerceu uma função de aglutinador em momentos de intensas distensões teóricas e, sobretudo, destravou debates teórico-políticos, tornando-se um catalisador de inúmeras pesquisas.

A leitura de grande parte de sua produção e de diversas entrevistas, dadas em momentos e com propósitos distintos, sinaliza que as idéias respondem, de certa forma, às transformações de caráter social que desafiam ou conquistam seus formuladores, ou seja, as lutas e os conflitos vividos influenciam, em alguma medida, o indivíduo, suas experiências e conhecimento. Nesse sentido, poderíamos ver na reflexão de Hall continuidades e rupturas, segundo a conjuntura histórica

vivida.

Por exemplo, ao contar momentos da sua vida, Hall acaba referindo-se a como determinadas condições históricas estruturais - o colonialismo e, mais tarde, a independência da Jamaica - contribuíram para formatar sua própria subjetividade e, sob tais circunstâncias, limitaram e abriram suas postulações.

O conflito entre a cultura local jamaicana e a cultura imperialista no ambiente da própria colônia, onde teve sua primeira formação e viveu sua adolescência, foi decisivo tanto como experiência de vida quanto, mais tarde, para pensar sobre a formação das identidades. Esse período de sua vida é marcado por uma negociação permanente entre espaços culturais que caracterizam tensões clássicas entre império e colônia. É a partir daí, ou seja, de sua história pessoal, que Hall reivindica um entendimento de cultura, “primeiro, como algo profundamente subjetivo e pessoal e, ao mesmo tempo, como uma estrutura [vivida]”. (Hall, 1996e: 488)

Através de sua trajetória de vida, somos lembrados da necessidade de voltar atrás, recuperar um pouco da história do colonialismo para entender situações presentes de neocolonialismo, ou seja, perceber a importância de reconstituir, mesmo que seja sinteticamente, alguns traços da nossa formação cultural para entender o presente. Em outros termos, se as identidades pessoais têm história e passado, as identidades sociais, também, têm história e passado.

Em certa medida, os relatos de Hall trazem algumas evidências para rejeitar teses que associam os Estudos Culturais britânicos com idéias etnocêntricas. Quando Hall fala sobre a constituição da Nova Esquerda, há o destaque para as “forças de fora” que construíram esse movimento. Ele se refere à forte presença de um grupo de estudantes que vinha das colônias, ou seja, essa atuação forçava a participação das “margens” tanto na formação do movimento político

---

como, também, nos debates teóricos que influenciaram, um pouco mais tarde, os Estudos Culturais. Além disso, é preciso destacar que as primeiras preocupações políticas de Hall estavam centradas nas questões coloniais e somente depois é que apareceu a atenção aos assuntos britânicos. Outro elemento que pode ser salientado é que Oxford era (e, ainda, é) o lugar onde se forma a intelligentsia britânica e foi justamente aí que essas pessoas que vinham das colônias se encontraram e tensionaram uma idéia determinada de “inglesidade” [Englishness].

Esses breves comentários revelam que a postura assumida por Hall, desde o início de sua formação acadêmica e mediante sua participação intensa no meio editorial britânico a partir dos anos 50, indica uma ponte entre duas formas de discurso: o da universidade e o da esfera pública. Na verdade, Hall é um intelectual engajado em debates públicos, sendo que seu itinerário posiciona-o como um pensador social crítico.

#### Da identidade como diáspora

Ainda na intersecção entre elementos pessoais e estruturais, tanto de sua condição na Jamaica quanto de sua vivência na Inglaterra, a trajetória de Hall está marcada pela experiência da migração, pois ninguém se translada de um lugar a outro sem ser afetado por tal vivência.

“Tendo sido preparado pela educação colonial, eu conhecia a Inglaterra a partir de dentro. Mas eu não sou e nunca serei ‘inglês’. Eu conheço ambos os lugares [Jamaica e Inglaterra] intimamente, mas eu não sou completamente de nenhum desses lugares. E isso é exatamente a experiência diaspórica, distante o suficiente para experienciar o sentimento do exílio e perda, próximo

o suficiente para entender o enigma de uma ‘chegada’ sempre adiada.” (1996e: 490)

Ao pensar o sentido de identidade, no seu caso em particular, isto é, sua autonarrativa, Hall reconhece sua posição de migrante e negro como marcantes, posição que vai ter implicações no seu viver com e através da diferença, constituindo uma experiência diaspórica.

“Lembro a ocasião em que retornei, a título de visita, à Jamaica, no início dos anos 60, depois da primeira onda de migração para a Inglaterra. Minha mãe falou: ‘Espero que lá não pensem que você é um desses imigrantes!’. Assim, naquele momento, soube claramente e pela primeira vez que eu era um imigrante. Repentinamente, relacionada a essa narrativa da migração, uma versão do meu ‘eu real’ desvelou-se. Eu disse: ‘É claro que sou um imigrante. O que você acha que eu sou?’ (...) o problema é que no momento em que se compreende que se é um imigrante reconhece-se que não se pode mais sê-lo: não é uma posição que se ocupe por muito tempo. Passei, então, pela longa e importante educação política de descobrir que sou ‘negro’. Constituir-se como ‘negro’ é um outro reconhecimento de ser através da diferença.” (Hall, 1993: 135)

Pensar a identidade através da diferença é voltar-se, também, para a politização do local e para uma nova noção de identidade. E é em torno dessa temática que convergem as atenções atuais de muitos dos praticantes de Estudos Culturais.

Segundo Hall, no caso britânico, vai ser a formação da diáspora negra que vai transformar a vida inglesa. A própria narrativa de Hall sobre sua trajetória

---

peçoal revela a passagem do âmbito do nacional, enquanto eixo central da constituição da identidade, para a etnicidade, ao “descobrir-se” migrante e negro.

E esse mesmo movimento está expresso na sua reflexão em “Minimal selves” e “New ethnicities”<sup>6</sup>. No primeiro artigo, concluía que “o vagaroso e contraditório movimento do ‘nacionalismo’ para a ‘eticidade’ como uma fonte de identidades é uma parte de uma nova política” (1993: 138). No segundo, detendo-se na descrição propriamente dita desse outro momento, escreve:

“O que está em questão aqui é o reconhecimento da extraordinária diversidade de posições subjetivas, experiências sociais e identidades culturais que compõem a categoria ‘negra’, isto é, o reconhecimento que ‘negro’ é, essencialmente, uma categoria construída política e culturalmente, que não pode ser fundada em um conjunto de categorias raciais transculturais fixas ou trans-cendentais e que, por essa razão, não tem garantias na natureza”. (Hall, 1996b: 443)

À luz dessa perspectiva que insiste em rastrear as marcas de formações históricas específicas, resta anotar que a forma de Hall pensar a identidade é diferente da perspectiva pós-moderna na qual a experiência de ser “nômade” é central. Embora admita o descentramento do sujeito na atual conjuntura, nega a existência de algo tão novo e completamente diferente e de certa maneira unificado como uma condição pós-moderna. Reconhece a vigência de experiências que podem ser vistas como uma tendência emergente ou uma entre outras tantas, mas essa não tem uma forma cristalizada.

Admitindo que se vive num turbilhão de sentidos, onde vige uma multiplicidade infinita de códigos, discursos e leituras que

produz novas formas de autoconsciência e reflexividade, reafirma que a representação, em tal situação, de forma alguma se exauriu, mas se tornou um processo muito mais problemático.

Em tal contexto, ressalta-se que a noção de diáspora figura como central na reflexão de Hall, utilizada para mostrar como as identidades culturais se articulam na contemporaneidade. Mas não só seu pensamento traz essa marca, sua própria vivência, seu itinerário, suas posições políticas e intelectuais narram esse encontro entre conjunturas históricas e pessoais.

Da obra

A reflexão de Hall está disponível em inúmeras coletâneas, trabalhos coletivos e artigos individuais publicados nos mais variados periódicos, o que muitas vezes dificulta a elaboração de uma noção de conjunto de sua obra. Aqui, no Brasil, destaca-se a recente publicação *Da diáspora - Identidades e mediações sociais* (Belo Horizonte, Editora UFMG, 2003) que reúne um conjunto de textos, escritos em épocas distintas, que revelam algumas das fases do seu pensamento.

É interessante notar que até o momento Hall não desenvolveu um único projeto editorial exclusivamente de sua autoria, embora a publicação brasileira inove ao reunir uma série de ensaios e duas entrevistas que compõem um mapa, mesmo que ainda parcial, de sua trajetória intelectual. Para um teórico do seu quilate, esse fato é no mínimo curioso, mas também pode ser visto como proposital. Em primeiro lugar, por não pretender a formulação de um sistema de idéias e, em segundo, porque seus trabalhos vão indicando interesses distintos, segundo a conjuntura histórica vivida, e deslocamentos teóricos importantes.

A intenção, aqui, não é a de catalogar ou classificar sua produção nem mesmo comentá-la<sup>7</sup>, mas mostrar a variedade de trabalhos e destacar distintos eixos

temáticos e teóricos ao longo de sua trajetória. Vale ainda dizer que não se quer eliminar a surpresa que a leitura de seus textos possa provocar e, sobretudo, não se deseja que esta breve introdução venha a esconder o que os próprios textos têm a dizer e que somente poderão fazê-lo sem intermediários com pretensões de saber mais do que os próprios<sup>8</sup>.

Feitas essas ressalvas, pode-se dizer que os primeiros trabalhos de Hall com forte repercussão acadêmica situam-se num período mais ou menos demarcado entre 1975 e 1983. Tal conjunto pode ser visto dentro de um eixo de cunho político e de análise conjuntural da sociedade britânica, isto é, são estudos de intervenção, desenhados para ter um efeito na política social do momento. Entre eles, destacam-se: *Resistance through rituals* (1975), *Policing the Crisis* (1978) e *The Politics of Thatcherism* (1983).

O primeiro é um trabalho coletivo sobre a cultura da juventude da classe trabalhadora nos anos 50. Um dos veios explorados na investigação trata da relação entre estilo (uma forma particular de fazer algo) e juventude, relacionando categorias como classe social e geração na produção de distintos estilos de vida e, ainda, refletindo como variados materiais disponíveis ao grupo são construídos e apropriados numa forma de resposta visivelmente organizada. São flagradas aí as diversas subculturas juvenis.

O segundo texto, também, é um estudo coletivo onde é examinado por que e como os temas da raça, crime e juventude, condensados na imagem de “assalto de rua”, servem como articuladores de uma crise. O cenário maior é a crise de hegemonia que a Inglaterra vive nos anos 70. É um período onde aparece a preocupação com a violência nas ruas, associada ao elemento racial. Essa combinação se revela como uma ameaça à lei e à ordem.

Em *The politics of Thatcherism*, Hall apresenta a ascensão de Thatcher

como resposta da sociedade britânica à crise vivida. A adesão popular à governante do momento (1979) é calcada no rejuvenescimento de temas como o antiestatismo, a recuperação de uma idéia de cultura nacional e o resgate do poderio do império britânico (Guerra das Malvinas). Tudo isso foi utilizado para mobilizar as distintas classes sociais e construir uma imagem unificada de “inglês”. Os imigrantes - por exemplo da Índia - eram vistos como os “outros”, e os negros eram o oposto do puro “inglês”, sendo que ambos eram responsáveis pelo abalo da lei e da ordem.

No mesmo período, uma série de textos que estão articulados num eixo de preocupações com a ideologia e a mídia configura um outro bloco de sua produção intelectual. Esse conjunto revela o impacto do estruturalismo nas formulações de Hall e privilegia os meios de comunicação de massa como foco central de atenção, um tema muito caro em toda a produção do autor. Já no início da década de 60 Hall se dedicara ao ensino na área dos estudos de mídia, cinema e cultura popular, o que, logo em seguida, resultou no livro, em parceria com Paddy Whannel, *The Popular Arts*<sup>9</sup> (1964).

No entanto, é no artigo “Encoding and decoding in television discourse” (1973) que aparece a incorporação de alguns pressupostos estruturalistas. Apesar dessa influência manifestar-se no início dos anos 70, é mais propriamente no período de 1977 a 1986 que Hall vai explorar insistentemente essa problemática<sup>10</sup>.

No centro da discussão sobre ideologia e mídia está a identificação da ideologia como uma categoria fundamental de análise, aliada ao reconhecimento da importância da linguagem. Em outros termos, o que está posto em questão é tanto o papel “reflexivo” da mídia quanto a concepção da linguagem como algo “transparente”.

Um terceiro bloco pode ser identificado na reflexão de Hall. Este trata da temática das identidades que, de

---

certa forma, prolonga a problematização que já tinha sido iniciada sobre a raça a partir de *Policing the Crisis* (1978). Logo, a questão da identidade não é nova para os Estudos Culturais, pois ela emerge quando a problemática da raça entra para a agenda, ainda, do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos. O diferencial é que, nessa primeira onda, a questão racial é mais uma variável empírica nas análises sociopolíticas, estando estreitamente ligada ao contexto britânico (ver *Policing the Crisis*). Logo, apenas constitui o embrião para o debate teórico que vai se efetivar mais tarde.

Assim, o tema das identidades se desdobra, num primeiro momento, na questão da raça, sendo a partir da segunda metade dos anos 80 que Hall passa a teorizar, de forma mais freqüente, sobre esse tema, juntamente, com a da etnia. A marca desse desenvolvimento está expresso em “Gramsci’s relevance for the study of race and ethnicity” (1985) onde, na verdade, são recuperadas as categorias gramscianas que o autor considera produtivas para pensar a cultura e os fenômenos sociais racialmente estruturados. Vai sublinhar, ainda, a necessidade de incorporar a especificidade histórica, aí incluídas as características nacionais e regionais dos contextos de análise.

Em “New ethnicities” (1989), Hall mostra uma mudança entre duas fases da política cultural negra. Uma primeira que se encerra com o fim de uma noção essencialista de raça e a segunda que reivindica o reconhecimento de que o negro não pode ser pensado sem as referências de divisões de classe, gênero, sexualidade e etnicidade. Além disso, passa a trabalhar com a idéia de que todos somos etnicamente localizados.

Outro artigo que se destaca nesse período é “Minimal selves” (1987). Primeiro texto em tom autobiográfico em que Hall assume sua história pessoal e passa a esboçar o debate das identidades

tal como ele vai desenvolvê-lo mais recentemente. É aí que vai reconhecer a marca de migrante e sua “longa educação política” na descoberta de ser negro. Para ele, ser negro é uma identidade que tem de ser aprendida e que somente pode ser reconhecida num determinado momento. Ele insiste em que o self se relaciona com um conjunto de histórias reais, que a identidade está articulada com o reconhecimento de diferenças e que a identidade não pode ter um sentido completamente unificado. Todas essas relações transformam ou têm repercussões sobre o que trata a política: da constituição de unidades na diferença. Assim, ele reconhece que, desde o início, a identidade é uma invenção e que está formada num ponto instável onde histórias de subjetividades que não podem ser narradas se encontram com narrativas da história e da cultura.

Na seqüência, década de 90, Hall produz vários textos<sup>11</sup> sobre a experiência da deslocalização, do hibridismo, da migração e da diáspora, características tidas como centrais da condição pós-moderna, embora o autor mostre reservas a algumas vertentes do pensamento pós-moderno.

Para Hall, o debate das identidades está vinculado, sobretudo, ao processo de globalização, ao questionamento das estruturas nacionais, aos processos de migração que estão ocorrendo com grande intensidade, à homogeneidade cultural, que pode ser propiciada pelo mercado global, mas que tanto pode distanciar a comunidade do espaço local como, também, fortalecer as identidades nacionais, regionais e locais.

Como não tenho a pretensão de detalhar aqui a perspectiva da identidade como uma construção social, gostaria apenas de destacar que esta implica reconhecer que ela está constituída por dentro da representação e que as representações constroem a realidade. Assim, por exemplo, o cinema, a literatura,

as imagens da televisão não são um espelho que reflete a realidade existente, mas essas representações nos constituem como sujeitos e, ao mesmo tempo, nos posicionam na mesma realidade.

Além desses eixos temáticos que sobressaem ao olhar o conjunto da obra de Hall, existe um fio que trama sua vasta produção. Essas idéias que atravessam sua contribuição para o campo da pesquisa em ciências humanas e sociais dizem respeito à centralidade de uma determinada noção de cultura na análise do nosso tempo. E é justamente em torno dessa categoria que os Estudos Culturais vicejaram e inovaram. Embora não haja um consenso sobre uma concepção de cultura nos Estudos Culturais, a que Stuart Hall reivindica é um dos pilares do campo.

Dentro do debate sobre uma noção de cultura para os Estudos Culturais, um dos pontos forte na obra de Hall é o artigo "Cultural studies: Two paradigms" (1980). Esse texto é uma espécie de demarcador das distintas influências que tensionaram os momentos de emergência e configuração dos Estudos Culturais, assim como, ainda, tensionam o campo.

Aí, em "Cultural studies: Two paradigms", flagra-se o embate que se manifestou no período de consolidação dos Estudos Culturais (anos 70) e que, do meu ponto de vista, permanece até hoje, entre estruturalismo althusseriano e culturalismo, entre a força das estruturas e o poder da agência humana.

Fundamentalmente, três questões mostram-se cruciais a partir desse texto e que, na verdade, acompanham a trajetória dos Estudos Culturais até hoje como aspectos problemáticos no seu corpo teórico-metodológico. São elas: a relação entre cultura e outras práticas sociais, uma definição para ideologia e a contribuição de Gramsci que deverá, de certa forma, rearranjar as forças em confronto, decorrente de posturas culturalistas e estruturalistas.

Sobre o primeiro aspecto, a dificuldade

reside em estimar a importância de fatores que jamais aparecem isolados. Por essa razão, Hall insiste na obrigatoriedade de pensar a "articulação" entre os fatores materiais e culturais ou simbólicos na análise social. Assim, textos e práticas culturais não têm um significado garantido de forma definitiva a partir das condições de produção, mas o significado é sempre o resultado de um ato de articulação dessas forças.

Em relação à ideologia, pode-se dizer que esta é central para os Estudos Culturais na medida em que permite um exame mais complexo do par cultura/sociedade, evitando, de um lado, a redução de um termo à expressiva manifestação do outro. Porém, de outro lado, um uso desmedido do conceito de ideologia pode obscurecer as relações materiais da cultura.

De um modo geral, o culturalismo enfatiza a ação criativa, o papel do homem como agente de sua própria história. A postura culturalista argumenta que se pode resistir às forças determinantes e que a história pode ser afetada pelo esforço individual. Conseqüentemente, é no âmbito da experiência que todas as práticas se interseccionam, ou seja, é dentro da cultura que as diferentes práticas interagem. No entanto, esse sentido de totalidade cultural indica uma possível dissolução de instâncias e elementos distintos.

No estruturalismo - Althusser, que, no caso, é a fonte mais destacada dentro dessa perspectiva nos Estudos Culturais - não há nenhum aspecto da vida social, nenhuma atividade que não seja governada pela ideologia e, de alguma forma, também, pelo Estado<sup>12</sup>. Decorre daí que o sujeito ou o indivíduo é um produto da ideologia. Nessa tradição, a categoria de experiência é omitida, eliminando-se a agência humana da história, pois a prática humana não é considerada.

Gramsci ofereceu uma outra alternativa quando foi descoberto pelo CCCS, pois enquanto Althusser considera a mudança quase impossível, Gramsci tenta



---

explicar como a mudança é construída no sistema. O pensamento gramsciano vai permitir reconhecer o poder do agente humano dentro da cultura, analisando tanto a estrutura que produz o indivíduo como, também, o conjunto de possibilidades produzidas pelo próprio indivíduo.

Nos anos 90, Hall (1997) retorna ao tema da centralidade que uma determinada noção de cultura assumiu, o que já tinha sido delineada em 1980. No entanto, essa retomada faz pensar inclusive em uma mudança de registro, a chamada “guinada cultural”, dados os indícios de que a cultura se expandiu de tal forma a ponto de abarcar as mais variadas dimensões da vida social.

Fundamentalmente, a análise cultural, proposta por Hall, pressupõe ver a cultura como uma parte constitutiva da vida social, ao invés de uma esfera dependente, repensando a articulação entre fatores materiais e culturais na análise social.

“O que aqui se argumenta, de fato, não é que ‘tudo é cultura’, mas que toda prática social depende e tem relação com o significado: conseqüentemente, que a cultura é uma das condições constitutivas de existência dessa prática, que toda prática social tem uma dimensão cultural. Não que não haja nada além do discurso, mas que toda prática social tem o seu caráter discursivo.” (Hall, 1997: 33, grifos da autora)

Assim, referenda a idéia de que a “guinada cultural”, também, se articula com uma “guinada lingüística”, o que de alguma forma já estava antecipado de modo ainda precário em 1973. Numa síntese grosseira, isto significa que a vida e as atividades sociais estão fundadas e são dependentes de processos de produção de sentido e que a mais simples realidade do cotidiano somente existe, para nós, através dos sentidos, viabilizados, por sua vez, pela linguagem. Por essa razão, outro dos trabalhos fundamentais do autor está

na publicação, organizada pelo próprio Hall, intitulada *Representation: Cultural Representations and signifying practices* (1997).

O passeio recém-efetuado teve por objetivo mostrar como a obra de Hall abarca uma variedade de objetos de análise, entretanto, todos estão marcados por essa mudança de registro, onde a cultura é uma referência obrigatória e central na interpretação da sociedade contemporânea.

#### Do intelectual

Apesar do autor ressaltar a importância do pós-estruturalismo na construção de uma análise cultural, não pode ser omitido, merecendo um destaque especial, seu esforço em reter uma noção de poder, história e política.

Em vários textos e entrevistas onde faz uma arqueologia dos Estudos Culturais, Hall sempre reivindicou como premissa fundamental do campo a relação entre teórico e político, reconhecendo que o trabalho intelectual se dá numa imbricada relação com a conjuntura histórica vivida, tendo ressonâncias políticas.

“(…) mesmo quando o debate sobre assuntos específicos estava ocorrendo dentro do Centro de Birmingham, todo mundo sabia que a relação entre política e cultura era central em nossas preocupações e prática. Não uma posição política particular e sectária - isso nós sempre evitamos - mas a relação entre cultura (entendida como práticas significantes) e poder. De um certo modo, se há alguma coisa para ser aprendida dos estudos culturais britânicos é a insistência na articulação entre cultura e poder - em diferentes contextos, obviamente.” (Hall, 1996f: 395)

Desde o início, o projeto dos Estudos

---

Culturais esteve marcado pelo discurso do envolvimento social. Especificamente na trajetória britânica sempre houve um interesse em produzir simultaneamente uma articulação entre formas de conhecimento e formas de política. Remetendo-se a essa última e à necessidade de refletir sobre a posição institucional e a prática intelectual, é muito saliente a importância que o pensamento gramsciano assumiu na formação intelectual de Hall.

“Devo confessar que, embora tenha lido muitas abordagens mais elaboradas e sofisticadas, a de Gramsci ainda me parece a que mais se aproxima daquilo que eu acho que estávamos tentando fazer. Admito que há um problema com sua expressão ‘a produção de intelectuais orgânicos’. Porém não tenho a menor dúvida de que estávamos tentando encontrar uma prática institucional nos estudos culturais capaz de produzir um intelectual orgânico. Antes, no contexto britânico dos anos 70, não sabíamos o que isso significaria, e não tínhamos certeza se seríamos capazes de reconhecer ele ou ela se conseguíssemos produzi-lo (a). O problema com o conceito de intelectual orgânico é que ele parece alinhar os intelectuais com um movimento histórico emergente, e não podíamos dizer naquela época, e dificilmente podemos agora, onde tal movimento histórico devia ser encontrado. Éramos intelectuais orgânicos sem qualquer ponto de referência orgânica; intelectuais orgânicos com uma nostalgia ou vontade ou esperança (lançando mão da expressão gramsciana retirada de outro contexto) de que, em algum momento, estaríamos preparados intelectualmente para aquele tipo de relação, caso semelhante conjuntura aparecesse. A bem da verdade, estávamos preparados para imaginar

ou modelar ou simular essa relação em sua ausência: ‘pessimismo da razão, otimismo da vontade’.” (Hall, 1996g: 267)

Era uma ambição do projeto dos Estudos Culturais produzir uma crítica política engajada, embora Hall reconheça: “Nós nunca produzimos intelectuais orgânicos no Centro (gostaria que tivéssemos). [...] foi um exercício metafórico. No entanto, metáforas são coisas sérias. Elas afetam a prática das pessoas. Eu estou tentando descrever os estudos culturais como um trabalho teórico que deve continuar a existir com essa tensão [contribuição teórica e prática política]”. (Hall, 1996g: 268)

Hall reivindica, então, a necessidade de produzir pesquisas concretas, mas que requerem um trabalho de construção teórica; é necessário um equilíbrio entre pesquisa e construção teórica, isto é, a pesquisa não pode ser simplesmente aplicação de um esquema teórico e conceitual, mas o pesquisador deve estar construindo um esquema teórico e desenvolvendo pesquisa.

Ao completar 70 anos, a história de vida de Stuart Hall, incluindo as posições teóricas e políticas assumidas por ele, mostra com abundância de exemplos que o ofício do intelectual é estar atento aos movimentos insignificantes e rumorosos da sociedade, pois é nessa conexão que se constrói a sensibilidade do intelectual para capturar o essencial de cada época. Talvez aí resida uma das razões para ler sua produção como um “clássico” da análise cultural contemporânea.

#### Observações finais: dos Estudos Culturais e Stuart Hall

Os Estudos Culturais têm como postulado a produção de pesquisa articulada com uma teoria social crítica, embora não exista uma unanimidade a esse respeito. No

entanto, do ponto de vista que reivindico, é essa moldura e inserção que proporcionam às análises da cultura uma tessitura com o estudo da sociedade capitalista contemporânea.

O programa dos Estudos Culturais não apresenta grandes narrativas de emancipação, discursos e políticas generalizadoras, nem um ponto fixo ou base sólida a partir da qual posicionar-se, mas ainda mantém uma certa esperança de emergência de novas formas de solidariedade e de uma percepção da necessidade de encorajar a esperança por mudanças, de revitalizar a teoria e a política, pelo menos de forma modesta e provisória.

Nesse contexto, as formulações de Hall pretendem uma compreensão da estrutura e dinâmica da sociedade, destacando a importância da cultura que desempenha papéis em todos os setores da sociedade, isto é, em campos que vão do econômico ao social.

Como não há concordância em muitos dos termos que são utilizados nos Estudos Culturais, dado que existe uma pluralidade de enfoques no campo, cada intervenção na área precisa expor e esclarecer sua linguagem crítica, ou então identificar trajetórias intelectuais individuais que sirvam de diretriz sobre as questões em discussão. É nesse sentido que se faz imperativo conhecer o itinerário de Hall e a fertilidade de suas proposições que, aqui, foram esparsamente apresentadas.

Roteiro bibliográfico<sup>13</sup>

Como já dissemos, Stuart Hall não escreveu, até agora, seu grande livro, desenvolvendo suas idéias sobretudo em pequenos ensaios, passíveis de serem encontradas nas várias obras de colaboração que organizou e, em parte, reunidas no volume editado por David Morley e Kuan-Hsing Chen: *Stuart Hall: critical dialogues in cultural studies* (Londres: Routledge, 1996). No Brasil, temos algumas traduções publicadas em

revistas e livros e, agora, a coletânea citada.

A bibliografia abaixo limita-se a referir algumas das obras coletivas em que o autor colaborou e alguns textos relacionados com os Estudos Culturais e a temática da comunicação. Listagem mais abrangente dos trabalhos do autor pode ser encontrada no volume já citado de David Morley e Chen Kuan-Hsing, sendo que na coletânea *Without Guarantees: Essays in honour of Stuart Hall*, organizada por Lawrence Grossberg, Paul Gilroy e Angela McRobbie (Londres: Verso, 2000), intelectuais de diversas nacionalidades destacam aspectos da sua obra .

#### A) Coletâneas e trabalhos em colaboração

HALL, Stuart & WHANNEL, Paddy. *The Popular Arts*. Nova York: Pantheon Books, 1965.

\_\_\_\_\_. & JEFFERSON, Tony (eds). *Resistance through Rituals - Youth Subcultures in Post-war Britain*, Londres: Hutchinson/CCCS, 1975.

\_\_\_\_\_. & outros. *On Ideology*, Londres: Hutchinson/CCCS, 1977 (Tradução brasileira: *Da ideologia*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1980).

HALL, Stuart, CRITCHER, Chas, JEFFERSON, Tony, CLARKE, John e ROBERTS, Brian. *Policing the Crisis - Mugging, the State, and Law and Order*. London: Macmillan Press, 1978.

HALL, Stuart, HOBSON, Doroty, LOWE, D e WILLIS, Paul (orgs.). *Culture, Media, Language*. London/New York: Routledge/CCCS, 1980.

HALL, Stuart & MARTIN, Jacques. *The Politics of Thatcherism*, London: Lawrence and Wishart, 1983.

HALL, S. McLENNON, G. & HELD, D. *The Idea of the modern state*. Londres: Taylor & Francis, 1984.

HALL, Stuart (1988). *The Hard road to renewal: Thatcherism and the crisis of the left*. Londres: Verso, 1988.

HALL, Stuart & MARTIN, Jacques (eds). *New Times: The*

- shape of politics in the 90s. Londres: Lawrence & Wishart, 1989.
- HALL, Stuart & GIEBER, Bram (orgs.). Formations of modernity. Cambridge: Open Univ., 1992.
- HALL, Stuart, HELD, D. e MCGREW, T. Modernity and its futures, Cambridge: Polity Press, 1992 (A identidade cultural na pós-modernidade [Porto Alegre, DP & A, 1999] reproduz a colaboração de Stuart Hall).
- HALL, Stuart & du GAY, Paul (1996). Questions of Cultural Identity, London: Sage, 1-17. Em português traduziu-se do volume a colaboração de Hall: "Quem precisa de identidade?" in TADEU, Tomaz da Silva (org.). Identidade e diferença - A perspectiva dos Estudos Culturais, organizado por Tomaz Tadeu da Silva, Vozes, Petrópolis, 2000.
- HALL, Stuart & outros. Doing cultural studies; The story of the Sony walkman. Londres: Sage Books, 1996.
- HALL, S. MASSEY, D. & RUSTIN, M. Heroes and heroines. Londres: Humanities Press, 1996.
- HALL, S. MASSEY, D. & RUSTIN, M. Law and justice. Londres: Humanities Press, 1996.
- HALL, S. MASSEY, D. & RUSTIN, M. The Public Good. Londres: Humanities Press, 1996
- HALL, S. HELD, D. & THOMPSON, K. Modernity: An introduction to modern societies. Oxford: Blackwell, 1996.
- HALL, Stuart (org.). Representation: cultural representation and signifying practices. Londres/Milton Keynes: Sage Books/Open Univ., 1997.
- HALL, S. & EVANS, Jessica (orgs.). Visual culture: A Reader. Londres: Sage, 1999.
- HALL, Stuart, BLAKE, Andrew & RUSTIN, Michel. These sports times. Londres: Lawrence & Wishart, 2000.
- B) Ensaios e artigos sobre comunicação e teoria da cultura contemporânea
- HALL, Stuart. The 'structures communication' of events. Unesco. 1973 (Trad. bras.: "O papel dos programas culturais na televisão britânica" in Morin et. al. Comunicação e cultura de massa, Rio de Janeiro, FGV, 1972, 55-73).
- HALL, Stuart. The determination of news photographs. In - Cohen, S & Young, J. (eds) The Manufacture of the news. Londres: Constable, 1973.
- HALL, S. Connell, I. & Curti, L. The unity of public affairs television. In - Working papers in cultural studies 9, 1976.
- HALL, Stuart. Culture, the media and the 'ideological effect'. In CURRAN, J. et al. (orgs.), Mass Communication and Society, London: Edward Arnold, 1977, p. 315-48.
- HALL, Stuart. Cultural studies : Two paradigms. In Media, culture and society 2 (57-72) 1980a. Reproduzido em STOREY, John (org.), What is Cultural Studies? A Reader, London: Arnold, 1996, p. 31-48.
- HALL, Stuart. Cultural studies and the Centre: some problematics and problems. In HALL, Stuart, HOBSON, Doroty, LOWE, D e WILLIS, Paul (orgs.), Culture, Media, Language, London/New York: Routledge/CCCS, 1980b, 15-47.
- HALL, Stuart. Encoding/decoding. In HALL, Stuart, HOBSON, Doroty, LOWE, D e WILLIS, Paul (orgs.), Culture, Media, Language, London/New York: Routledge/CCCS, 1980c [1973], 128-138.
- HALL, Stuart. Introduction to media studies at the center (1980) e Encoding/decoding (1973). In HALL, Stuart, HOBSON, Doroty, LOWE, D e WILLIS, Paul (orgs.), Culture, Media, Language, London/New York: Routledge/CCCS, 1980, p. 128-138.
- HALL, Stuart. The rediscovery of 'ideology' : return of the repressed in media studies. In GUREVITCH, M., BENNET, T., CURRAN, J. e WOOLLACOTT, J. (orgs.), Culture, Society, and the Media, London: Methuen, 1982, 56-90.
- HALL, Stuart. The problem of ideology: marxism without guarantees. In - Matthews, B. (org.) Marx 100 Years on. Londres: Lawrence & Wishart, 1983 (Reproduzido em Journal of communication inquiry 10 [28-44] 1986).
- HALL, Stuart. Signification, representation, ideology: Althusser and the Post-structuralist debates. Critical Studies in Mass Communication 2 [91-114] 1985.
- HALL, Stuart. Media power and class power. In - Curran,

- James (org.) *Bending Reality: The State of the Media*. Londres: Pluto, 1986.
- HALL, Stuart. Ideology and communication theory. In DERVIN, B. et al. (orgs.), *Rethinking Communication*, vol. I: Paradigms Issues, Newbury Park: Sage, 1989, p. 40-52.
- HALL, Stuart. Cultural identity and diaspora. In RUTHERFORD, Jonathan (org.) *Identity - Community, Culture, Difference*. Londres: Lawrence and Wishart, 1990, p. 222-237. Tradução brasileira: "Identidade cultural e diáspora". *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, 24, 1996, p. 68-76.)
- HALL, Stuart. Old and new identities, old and new ethnicities. In KING, Anthony D. (org.), *Culture, Globalization and the World-System*, London: Macmillan, 1991a, 41-68.
- HALL, Stuart. The local and the global: Globalization and ethnicity. In KING, Anthony D. (org.), *Culture, Globalization and the World-System*, London: Macmillan, 1991b, 19-39.
- HALL, Stuart. Minimal selves. In GRAY, Ann e McGUIGAN (orgs.), *Studying Culture - An Introductory Reader*, London/New York:Arnold, 1993 [1987], 134-138.
- HALL, Stuart. Reflections upon the Encoding/Decoding model: An interview with Stuart Hall. In CRUZ, Jon e LEWIS, Justin (orgs.), *Viewing, Reading, Listening - Audiences and Cultural Reception*, Boulder/San Francisco/Oxford:Wetview Press, 1994, p. 253-274.
- HALL, Stuart. The emergence of cultural studies and the crisis of the Humanities. In - *October* 53 [11-23] 1996a.
- HALL, Stuart. New ethnicities. In MORLEY, David e CHEN, Kuan-Hsing (orgs.), *Stuart Hall - Critical Dialogues in Cultural Studies*, London/New York: Routledge, 1996b [1989], 441-449.
- HALL, Stuart. Gramsci's relevance for the study of race and ethnicity. In MORLEY, David e CHEN, Kuan-Hsing (orgs.), *Stuart Hall - Critical Dialogues in Cultural Studies*, London/New York: Routledge, 1996c [1986], 411-440.
- HALL, Stuart. Introduction: Who needs 'Identity'?. In HALL, Stuart e du GAY, Paul (orgs.), *Questions of Cultural Identity*, London: Sage, 1996d, 1-17. (Em português traduziu-se do volume a colaboração de Hall: "Quem precisa de identidade?" in TADEU, Tomaz da Silva (org.) *Identidade e diferença - A perspectiva dos Estudos Culturais*, organizado por Tomaz Tadeu da Silva, Vozes, Petrópolis, 2000).
- HALL, Stuart. Cultural studies and its theoretical legacies. In GROSSBERG, Lawrence, NELSON, Cary e TREICHLER, Paula (orgs.), *Cultural Studies*, New York/London: Routledge, 1992. Reproduzido também em MORLEY, David e CHEN, Kuan-Hsing (orgs.), *Stuart Hall - Critical Dialogues in Cultural Studies*, London/New York: Routledge, 1996g, 262-275.
- HALL, Stuart. The centrality of culture: Notes on the cultural revolutions of our time. In THOMPSON, Kenneth (org.), *Media and Cultural Regulation*, London: Sage, 1997, p. 207-238. Tradução brasileira: "A centralidade da cultural: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo", *Revista Educação e Realidade*, jul/dez 1997, 22 (2): 15-46.
- C. Entrevistas
- HALL, Stuart. The formation of a diasporic intellectual: an interview with Stuart Hall by Kuan-Hsing Chen. In MORLEY, David e CHEN, Kuan-Hsing (orgs.), *Stuart Hall - Critical Dialogues in Cultural Studies*, London/New York: Routledge, 1996e, p.484-503.
- HALL, Stuart. Cultural studies and the politics of internationalization: an interview with Stuart Hall by Kuan-Hsing Chen. In MORLEY, David e CHEN, Kuan-Hsing (orgs.), *Stuart Hall - Critical Dialogues in Cultural Studies*, London/New York: Routledge, 1996f, p.392-408.
- HALL, Stuart e SAKAI, Naoki. A Tokyo dialogue on Marxism, identity formation and cultural studies. In CHEN, Kuan-Hsing (org.), *Trajectories - Inter-Asia Cultural Studies*, London: Routledge, 1998, p.360-378.
- Notas**
- \* Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUCRS; Doutora em Ciências da Comunicação pela USP; Pesquisadora do CNPq.
- 1 Utilizarei maiúsculas para denominar tal campo de estudos, pois na maioria das vezes as traduções brasileiras têm grafado dessa forma o termo. No entanto, no contexto anglo-americano, essa denominação é invariavelmente usada em minúsculas.
- 2 Resgato essa idéia de Elide Rugai Bastos em "O

- 
- ensaísmo dos anos 20 e a formação nacional”, *Boletim de Intercâmbio*, Rio de Janeiro, 5(25): 30-49, jan/mar. 1986.
- 3 O Centro (CCCS) foi fundado por Hoggart em 1964 junto à Universidade de Birmingham, Inglaterra.
- 4 Descoberta por Cristóvão Colombo em 1494, passando para controle inglês em 1670, a Jamaica conseguiu ter seu primeiro governo independente através da constituição de 1953. Entretanto, a independência plena somente foi alcançada em 1962, embora tenha permanecido membro da Commonwealth.
- 5 Hoje, Hall é professor emérito dessa instituição.
- 6 O primeiro originalmente publicado em 1987 e o segundo, dois anos depois, em 1989.
- 7 Alguns temas da produção de Hall estão comentados em Escosteguy, Ana Carolina. *Cartografias dos estudos culturais - uma versão latino-americana*, Belo Horizonte, Autêntica, 2001.
- 8 Essa idéia é de Italo Calvino em *Por qué leer los clásicos*, Tusquets Editores, Barcelona, 1992.
- 9 O tema desse texto trata de problemas em torno da valorização das formas culturais populares. A argumentação central é de que as formas culturais que são nomeadas como “arte popular” têm valor e qualidade.
- 10 Entre os principais textos onde essa problemática é tratada, ver Hall (1977; 1980a; 1980b; 1982; 1983; 1985; 1986; 1989).
- 11 É claro que o tema das identidades aparece antes dos anos 90 na produção intelectual de Hall, contudo, parece-me que é nessa década que ele se mostra, de fato, central nas suas preocupações. Entre os artigos mais importantes: “Cultural identity and diaspora” (1990); “Old and new identities, old and new ethnicities” (1991a); “The local and the global: Globalization and ethnicity” (1991b); “Who needs identity?” (1996).
- 12 Hall critica a concepção de aparelhos ideológicos de Estado, proposta por Althusser. Na sua opinião, esta é uma generalização que perde de vista a especificidade e “a necessária complexidade da totalidade social”. (Hall, 1982: 84)
- 13 Este roteiro foi organizado pela autora e Francisco R. Rudiger.